

INTRODUÇÃO

Retenção de placenta é um problema bastante significativo em bastantes propriedades, sendo uma falha na separação das vilosidades da placenta fetal cotilídones com as criptas maternas carúnculas (NOAKES, 1991). É a permanência total ou parcial da placenta no útero por um período acima de 12 horas após o parto. A prevalência é mais comum em vacas de leite do que de corte (NOAKES, 1991). Sua incidência é maior após partos anormais nos quais se incluem partos gemelar, cesarianas, fetotomias, distocias, abortamentos ou nascimentos prematuros (ARTHUR, 1979). O objetivo desse trabalho tem como esclarecer como ocorre, quais são as consequências, como identificar e como prevenir a retenção de placenta.

CONTEÚDO

Existem diversas causas para que ocorra a retenção de placenta, geralmente estão associadas, são elas infecciosa, que pode acontecer no pré-parto ou no pós-parto devido a doenças ou contaminação, nutricional por deficiências de vitaminas, hormonal após indução de parto utilizando corticoides, prostaglandinas e parto prematuro devido a gêmeos, inércia uterina nos casos de hipocalcemia e distocias, tóxicas após empregos de produtos químicos e drogas, hereditária, sexo do feto e raça sendo mais frequentes em raças leiteiras. Fatores como higiene e estresse que afeta a vaca leiteira na época do parto (TONIOLLO E VICENTE, 1993).

Sintomas são facilmente vistos, cólicas, em primeira instancia são mais frequentes e depois recorrentes, esforço expulsivo e a partir do terceiro ao quinto dia inicia a putrefação das membranas uterinas e ocorre à liberação de fluxo vulvar fétido, com resquícios anexais e de coloração cinzenta amarelada (HORTA, 1994).

Nas vacas, a evolução da retenção nos próximos dias é caracterizada por metrite séptica, anorexia, depressão, hipertemia e diminuição na produção, sendo relatado casos de hipogalaxia e agalaxia. Se o quadro se estender a dez dias, habitualmente ocorre atonia uterina com expulsão de lóquios pútridos. Em seguida a retenção pode evoluir para metrite, piometra, quistos ovários, ninfomania e até mesmo a diminuição no futuro da fertilidade (HORTA, 1994).

A prevenção é melhor opção para evitar a doença e prejuízos econômicos ao pecuarista, assim ter piquete maternidade e instalações limpas, cuidado com a temperatura do ambiente evitando o estresse térmico e com sombras e manejo experiente e cuidado com retirada do bezerro.

O tratamento é muito variável, e opiniões variam dependendo de cada caso, consideráveis traumas podem ser causados no útero se for tentada a remoção manual antes que a placenta se

destaque com facilidade, remoção manual não pode ser tentada antes de 4 dias após o parto, pois esta manobra pode acarretar varias complicações, tais como: hemorragia, septcemia, ruptura uterina e retardo na involução. Deve ser considerado apenas, se ao exame for detectado que os anexos encontram-se soltos e livres. (PRESTES & ALVARENGA, 2006).

Não pode ocorrer a remoção manual se a vaca estiver doente ou em estado febril. O tratador deve ser aconselhado a cortar aquelas porções da placenta que está exposta. Todas as vacas que tiverem retenção de placenta precisam ser examinadas em cerca de 3 a 4 semanas pós-parto para avaliar o grau de involução e ausência de infecção uterina. Antibióticos sistêmicos devem ser administrados, dose terapêutica de antibiótico de amplo espectro é preferível mas requer a retirada do consumo do leite. Oxitocina e outros hormônios são de poucos ou nenhum valor, terapia intrauterina é de pouco valor também (NOAKES, 1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retenção de placenta em fêmeas bovinas é causada por doenças metabólicas, fatores nutricionais, ambientais e bacteriano. Erros na hora do manejo podem ser um fator alto para episódio dos casos. Retenção placentária é responsável por grandes perdas e prejuízos para a pecuária, além dos gastos com tratamento, o produtor levará perdas em seu rebanho com na produção e na reprodução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- TONIOLLO, G. H.; VICENTE, W.R.R. Manual de Obstetrícia Veterinária. São Paulo: Varela Editora e Livraria LTDA. 1993.
- NOAKES, D.E. Fertilidade e Obstetrícia nos Bovinos. São Paulo: Andrei, 1991.
- HORTA, A.E.M. Fisiologia do Puerpério na Vaca. 8ª Jornadas Internacionales de Reproducción Animal, AERA, Santander, p. 181-192, 1994
- PRESTES, N. C., ALVARENGA, F. C. L. Obstetrícia Veterinária. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara, p. 123 - 125, 2006.
- ARTHUR, G.H., NOAKES, d. e., PEARSON, H. & PARKISON, T.J. (1996) Veterinary Reproduction and Obstetrics, 7th edn. Baillière Tindall, London.